

## INTERTEXTUALIDADE E TEXTOS MULTIMODAIS: UMA RELAÇÃO ESTREITA

<sup>31</sup>Maria da Graça dos Santos FARIA

Mariza Angélica Paiva BRITO<sup>32</sup>

**RESUMO:** Este trabalho de pesquisa parte da hipótese de que as citações, referências e alusões terminam sendo estratégias para um propósito maior do locutor de estabelecer paródias. Buscamos demonstrar que algumas charges e cartuns guardam entre si uma relação de parafraseamento. Trabalhamos com alguns exemplos formados por textos verbo-visuais publicados na internet, como charges, tirinhas e cartuns, em que buscamos observar como as relações intertextuais se manifestam nesses textos que se inscrevem na circulação de textos informativos e que recuperam notícias veiculadas na mídia. A análise permitiu constatar, até o momento, que as intertextualidades de copresença explícitas e implícitas, como citação e alusão, são importantes estratégias - isoladas ou simultaneamente - para a construção de paródias e de parafraseamentos.

**Palavras-chave:** Intertextualidade; Textos verbo-visuais; Paródias.

**Abstract:** This research starts from the hypothesis that citations, references, and allusions end up being strategies for the speaker's greater purpose of establishing parodies. We demonstrate that some cartoons have between themselves a paraphrasing relationship. We work with some examples formed by verbal-visual texts published on the Internet, such as cartoons and comic strips. We seek to observe how the intertextual relations are manifested within these texts, which are found in the circulation of informative texts and retrieve news e reports from the media. Analysis helped to confirm so far that intertextualities of explicit and implicit co-presence, such as quotation and allusion, are important strategies - separately or simultaneously - for the construction of parodies and paraphrases.

**Keywords:** Intertextuality; Verbal-visual texts; Parodies

---

<sup>31</sup> Professora da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Departamento de Letras e Pesquisadora do Protexto - Grupo de Pesquisa em Linguística da UFC.

<sup>32</sup> Professora da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Instituto de Humanidades e Letras e Vice-líder do Protexto - Grupo de Pesquisa em Linguística da UFC.

## **Introdução**

Apesar das diferentes e variadas formas de expressão de cada arte, elas têm em comum o fato de serem sistemas de signos, isto é, formas de linguagem. Isso permite “uma conversa entre si”, visto que se podem criar quadros, filmes a partir de romances; pode-se reinterpretar uma obra de arte usando outro sistema de signos ou ainda compor textos relendo imagens, ideias, estilos discursivos e notícias veiculadas na mídia.

Esse diálogo entre textos é o que se chama de **intertextualidade**. Toda obra é, em sentido amplo, um texto tecido de outros textos, é uma recontextualização, em que o texto ou trecho retomado se ressignifica em uma nova situação comunicativa.

De forma mais simples, a intertextualidade realiza-se no nível do enunciado e no nível da enunciação. A alusão, a referência e a citação são as estratégias mais utilizadas de intertextualidade no nível do enunciado.

No nível da enunciação, a intertextualidade realiza-se com a adoção do ponto de vista do enunciador do texto-fonte (paráfrase) ou com a oposição desse ponto de vista (paródia).

Os trabalhos sobre intertextualidade são em grande número, entretanto muito do que foi estudado diz respeito às tipologias intertextuais presentes em textos literários. Nesta pesquisa, apresentamos um caminho diferente, pois buscamos investigar aspectos ainda não presentes nas propostas classificatórias de Genette (2010), Piègay-Gros (1996) e Sant’Anna (2003) em textos literários e também em trabalhos mais recentes, como o de Koch, Bentes e Cavalcante (2007), particularmente sobre variados gêneros textuais, com o propósito de destacar a importância desse fenômeno na construção dos sentidos de um texto, em especial dos textos verbo-visuais.

Este trabalho não se limita a estabelecer critérios para a classificação das manifestações intertextuais em textos verbo-visuais, pois seu propósito maior é investigar se a intertextualidade por derivação (paródia e paráfrase) pode se redefinir a partir da inserção das relações de copresença (citação e alusão) nas derivacionais.

Investigamos, também, a hipótese de que as citações, referências e alusões terminam sendo estratégias para um propósito maior do locutor de estabelecer paródias. Por fim, demonstramos que algumas charges e cartuns guardam entre si uma relação de parafraseamento. Trabalhamos com um exemplário formado por textos verbo-visuais publicados na internet como charges, tirinhas e cartuns em que buscamos investigar como as relações intertextuais se manifestam nesses textos que se inscrevem no domínio jornalístico, como a charge e a tirinha, que recuperam notícias veiculadas na mídia, e nas postagens cotidianas nas redes sociais.

Vale ressaltar que, do mesmo modo que poetas e escritores têm retomado signos e textos em contextos e momentos históricos diferentes para reafirmá-los ou contestá-los, os chargistas e cartunistas também assim fazem quando captam, cristalizam, desfazem e refazem aspectos culturais e políticos de uma sociedade. Assim, dialogando, a história vai sendo construída seja pela continuidade ou pela contestação de seus valores.

### **Intertextualidade e transtextualidade**

A expressão **intertextualidade** se originou da ideia de influência de um texto sobre outro, isto é, da percepção de que, em diferentes graus, todo texto era um intertexto, pois, ao escrever, estabelecemos um diálogo (do qual temos consciência ou não) com tudo o que já foi escrito. Assim, cada texto seria como um elo na corrente de produções verbais. Em outras palavras, um texto retoma outro, contestando-o ou reafirmando-o.

Embora Bakhtin não tenha usado o termo *intertextualidade* para referir-se ao diálogo entre textos, esse termo está diretamente vinculado à noção de dialogismo postulada por ele. Coube à Julia Kristeva (1974) a utilização do termo *intertextualidade* ao definir o texto como “um mosaico de citações resultante de textos anteriores”.

Dentre os vários estudos sobre tipologias de intertextualidade, destacamos a obra *Palimpsestos*, de Gérard Genette (2010), que aborda categorias de **transtextualidade** (termo que ele cunhou para denotar todo processo que contempla a relação de um texto com outro),

Genette (2010) identifica cinco tipos de relação transtextual: “**intertextualidade**”, **paratextualidade**, **metatextualidade**, **hipertextualidade** e **arquitextualidade**, classificação que atende ao critério de “ordem crescente de abstração, implicação e globalidade” (p.12). Acreditamos que essa gradação, ainda que muito bem pontuada pelo autor, dificulta as distinções classificatórias, na medida em que salienta os traços comuns entre os fenômenos.

A “**intertextualidade**” – aqui aspeada pela definição específica que lhe dá o autor dentro dessa tipologia – reduz-se a uma relação de copresença efetiva entre dois ou vários textos. Essa relação se manifesta de forma explícita por meio de citação, plágio e alusão.

A citação, a forma mais conhecida de copresença e também a mais marcada, tem em comum com o plágio o fato de utilizar textos de outros autores, mas, ao passo que na citação há um reconhecimento da autoria legítima, no plágio a transcrição literal não inclui a declaração de que se trata de um empréstimo nem menciona a autoria, exatamente porque o objetivo do plagiador é se passar por autor do texto-fonte. Enquanto a citação apresenta geralmente marcas tipográficas, o plágio e a alusão não apresentam, por razões diferentes, pois, na alusão, a

referência ao texto-fonte é mais sutil, pode ser apenas uma palavra, ou uma ideia, ou um nome de personagem que remete a outro texto.

**A paratextualidade** é constituída por uma relação textual menos explícita, que contém informações importantes do texto para fins de análise literária. Essas informações podem surgir em partes do texto que remeterem a outros textos, como: “título, subtítulo, intertítulos, prefácios, posfácios, advertências, prólogos, etc; notas marginais, de rodapé, de fim de texto: epígrafes, ilustrações, *release*, orelha, capa, etc

**A metatextualidade** é a relação chamada de “comentário que une um texto a outro texto do qual ele fala, sem necessariamente citá-lo (convocá-lo), até mesmo, em último caso, sem nomeá-lo” (p. 15). O autor ilustra com *A fenomenologia do espírito*, de Hegel, que alude, de forma não explícita, à obra *O Sobrinho de Rameau*, de Diderot, um diálogo filosófico, imaginado pelo autor, entre personagens que se identificam como Ele e Eu.

Como se vê pela definição, a metatextualidade é um fenômeno que evidencia bem nossa tese de que as copresenças são muito importantes para a configuração das derivações. Na verdade, a metatextualidade se constitui por citações ou alusões a outro texto, não necessariamente identificadas pelo título, mas que presumem um conhecimento prévio do que se fala. Conforme Koch, Bentes e Cavalcante (2007, p.133):

*A metatextualidade*, para Genette, corresponde a uma relação de “comentário” que une um texto-fonte ao outro que dele trata. Como declara o autor, “é, por excelência, a relação *crítica*” (cf. p. 10). Muitas vezes, a crítica, ou a convocação do texto-fonte, aparece sob a forma de uma *alusão*. Em vista dessa definição, é bastante provável que ela se constitua, por sua vez, de processos *intertextuais de copresença*.

**A hipertextualidade** é a relação que une um texto B (hipertexto) a um texto anterior A (hipotexto), de forma tal que não nasce de um comentário. Isto é, quando um texto B sem mencionar o texto A, dele se origina, mas não pode existir sem ele. Por isso, não nasce de um comentário, como na metatextualidade.

Em outras palavras, pode-se dizer que um texto deriva de outro texto preexistente, daí a terminologia “intertextualidade por derivação”, em oposição a “intertextualidade por copresença”, como, posteriormente, adota Piègay-Gros (1996) e também adotamos nesta tese.

A derivação ocorre por transformação simples (transformação propriamente dita), que são os casos da paródia, do travestimento burlesco e da transposição, ou por transformação indireta (imitação), que são os casos de pastiche, charge e forjação.

Para ilustrar os critérios que distinguem a transformação da imitação, optamos por demonstrar essas diferenças no quadro abaixo.

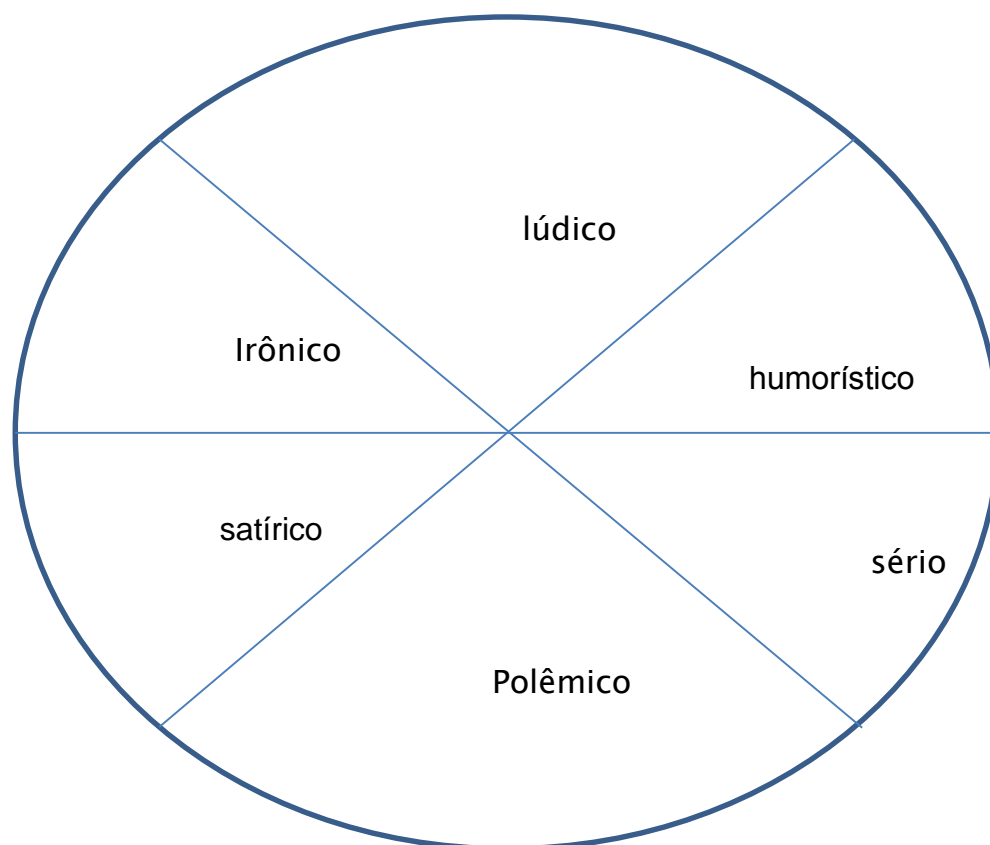
Transformação	Imitação
Um esquema de ação em estilo diferente	Um certo estilo que se aplica a uma outra ação
Dizer a mesma coisa de outro modo	Dizer outra coisa de modo semelhante
Menos complexa	Mais complexa
Transformação direta (simples)	Transformação indireta
Ex: Ulisses	Ex: Eneida

Quadro 1: Quadro da transformação e imitação

Além de estabelecer os subtipos de transformação e de imitação para a distinção das práticas hipertextuais (paródia, travestimento, transposição, pastiche, charge e forjação), Genette (2010) estabelece outro critério: o da função, preferencialmente chamado por ele de *regime*.

Esse regime, embora repouse sobre o aspecto funcional, marca a distinção entre o **satírico**, o **lúdico** e o **sério**. O regime satírico busca uma intenção crítica, por vezes agressiva ou irônica; o regime lúdico visa a um tipo de entretenimento, de um jogo de palavras; e o regime sério se situa num campo “neutro”.

Entretanto, o autor ressalta que não se deve considerar radicalmente a tripartição do regime como algo fixo e nitidamente delimitado, tendo em vista a grande possibilidade de nuances de sentido, pois, entre o regime lúdico e o sério, temos o humorístico; entre o sério e o satírico, temos o polêmico; e, entre o satírico e o lúdico, o irônico, como pode ser observado no quadro a seguir.



Quadro 2: Funções intertextuais de Genette (2010)

**A arquitextualidade** é a relação mais abstrata e implícita dentre as transtextualidades, visto que diz respeito mais a uma classificação taxonômica, manifesta ou não. O exemplo dado por Genette (1982, p. 20): “este livro é um romance” é revelador. O autor anuncia previamente a que gênero pertence a obra, supondo que se conhece o que caracteriza um romance, sem mencionar a que romance se refere, sem citá-lo, convocá-lo ou nomeá-lo. Com a simples afirmação de que se trata de um romance, estabelece-se uma relação crítica do texto pelo texto.

Estas cinco categorias de transtextualidade não podem ser consideradas, como o próprio Genette (1982) afirma, como categorias estanques ou sem comunicação uma com a outra. Muito pelo contrário, as relações entre essas categorias são inúmeras e variadas.

Em outras palavras, as categorias de paratextualidade, metatextualidade e arquitextualidade são configuradas por casos de alusão e algumas vezes de citação, ou de ambas ao mesmo tempo, reforçando a nossa tese de que essas manifestações intertextuais de copresença são estratégias que evidenciam relações transtextuais outras. Demonstramos em outro estudo (ver FARIA, 2014) que as copresenças são absolutamente imprescindíveis para a construção de manifestações intertextuais de derivação.

Como vimos, as derivações não excluem as copresenças, e outros processos “transtextuais” também se valem delas para se efetivar. Além disso, nem sempre as transtextualidades se distinguem das derivações, como nos casos de metatextualidade. Por essa razão, consideramos dispensável manter essa divisão transtextual em cinco categorias.

Concordamos com Genette ao considerar que as obras literárias são hipertextos em que a derivação é maciça e declarada (especialmente as obras que lhe serviram de exemplos para a sua tipologia). Concordamos, também, que a derivação é um trabalho de transformação e de imitação de outros textos.

Mas discordamos da subdivisão em cinco classes de transtextualidade pensadas separadamente das copresenças e derivações. Embora Genette (2010) defenda que as cinco categorias que constituem a transtextualidade não sejam estanques e que se relacionem, parece-nos que separar radicalmente a categoria intertextualidade (apenas como manifestações de copresença) da categoria hipertextualidade (as derivações propriamente ditas) não é exatamente o mais adequado, visto que as derivações e as demais transtextualidades se manifestam por meio das copresenças. Além disso, considerar que essas categorias transtextuais: metatextualidade, paratextualidade e arquitekstualidade são formas autônomas de transtextualidade, quando se configuram por índices ou marcadores de alusão, e/ ou de citação, redundam em uma confusão classificatória.

## **Outros caminhos**

Nesta pesquisa, adotamos a concepção de Genette (2010) como orientação classificatória da intertextualidade, mas enfocamos algumas considerações de outras classificações, como a de Piègay-Gros (1996). Baseada nos pressupostos de Genette (2010), Piègay-Gros (1996) formula uma classificação para o estudo da intertextualidade apoiada em dois tipos de relação: a de copresença - ou *intertextualidade*, propriamente dita - entre dois ou mais textos; e a de derivação - ou “hipertextualidade”, a partir de um texto matriz.

As relações de copresença se distribuem em quatro tipos: **a citação**, em que o texto é inserido expressamente em outro, ou seja, marcado por aspas, negrito ou itálico; **a referência**, que é similar à citação, porém sem transcrição literal do texto- fonte; **a alusão**, que retoma o texto matriz por indicações sutis; e o **plágio**, em que as citações não vêm indicadas para serem percebidas.

Piégay-Gros inclui em sua pesquisa a referência na intertextualidade de copresença como manifestação intertextual bem diferente da alusão, embora ambas, referência e alusão, sejam formas de fazer um texto remeter a outro, não importando a sutileza da forma retomada.

A referência, segundo a autora, é uma forma explícita de intertextualidade, assim como a citação, e, portanto, é diferente da alusão. Não concordamos inteiramente com esse posicionamento porque, ao buscar referências intertextuais, estamos também aludindo a outro texto, pois a menção a nomes de personagens, de autores, de obras e títulos é uma forma de criar intertextos explícitos.

A caracterização da *referência* como uma relação intertextual “em ausência” leva, a nosso ver, a confundir esse processo com o da alusão – esta, sim, efetivada por relações inferenciais, mais implícitas do que explícitas. Para nós, só faz sentido falar em *referência intertextual* se se associar tal processo ao da alusão. Assim, por exemplo, fazer referência intertextual a um personagem de uma dada obra é, simultaneamente, aludir à obra inteira. Os dois fenômenos de copresença só aconteceriam em conjunto.

Na verdade, a alusão é um tipo de referência mais discreta, já que não é explícita e é indireta, exige mais da memória do leitor, para perceber a relação de um texto com outro nas entrelinhas. Mas, ainda que se considere a alusão mais discreta do que a referência, defendemos que ambas necessitam da busca à memória para recuperar a intertextualidade.

Em termos de explicitude-implicitude, parece-nos que aludir ou referir-se a outro texto são ambos menos explícitos, porque sempre deixam marcas no cotexto. Além disso, vale notar que, ainda que haja diferentes formas mais diretas ou indiretas para se fazer a relação de um texto com outro, alusão e referência não precisam utilizar literalmente partes do texto, como acontece com as citações.

Por outro lado, vale destacar a omissão da paráfrase nos estudos de Genette (2010) e de Piégay-Gros (1996), a qual é contemplada nos pressupostos de Sant’Anna (2003). Por essa razão, tentamos incluir neste trabalho a paráfrase como manifestação intertextual.

A contribuição desses elementos amplia os estudos sobre intertextualidade, visto que trabalhos anteriores, como os de Genette (2010) e os de Piégay-Gros (1996), não incluem o termo *paráfrase* nas tipologias propostas. Apesar de o termo não aparecer na classificação, parece-nos que o conceito de paráfrase pode estar contemplado na categoria da transposição no quadro geral da transtextualidade, de Genette (2010). Assim sendo, concebida em termos formais, a paráfrase termina sendo um fenômeno de adaptação, como sugere Nobre (2014). Essa, porém, não é a mesma concepção de paráfrase adotada por Sant’Anna, que reflete sobre



as paródias e paráfrases como dois casos funcionalmente (e argumentativamente) opostos. As paródias seriam da ordem da subversão de ideias; as paráfrases seriam da ordem da captação.

Sant'Anna (2003) inicia sua descrição da paródia traçando um breve histórico sobre a origem grega do termo, que é musical, pois paródia significa uma para-ode (uma canção que modifica o sentido de outra), para afirmar que “a paródia modernamente se define através de um jogo intertextual” (p.12).

O conceito de paródia se amplia com os estudos de Tynianov (1969) e Bakhtin (1981). Ambos os autores colocavam a paródia lado a lado com a estilização. O primeiro formalista russo afirmava que a paródia era sempre contrastante, ou seja, a paródia de uma tragédia era a comédia e vice-versa, enquanto a estilização era a concordância, mas, se houvesse motivação cômica, seria paródia.

Para Bakhtin (1981), tanto a estilização quanto a paródia empregam a fala de um outro, mas na paródia há na fala do outro uma intenção que se opõe à original e que é claramente marcada; já a estilização permite a fusão de vozes. Observe-se que a conceituação de Sant'Anna (2003) para esses fenômenos intertextuais pende muito para o aspecto funcional, argumentativo, ao passo que a descrição de Genette e de Piégay-Gros toma como ponto de partida uma distinção formal e temática.

Sant'Anna (2003) já observara que os estudos de Tynianov e Bakhtin focavam particularmente textos literários e que a mudança de foco permite a entrada num universo semiológico maior, ampliando a complexidade dos conceitos desses termos.

Por esse mesmo raciocínio que tende para as finalidades argumentativas, não para a forma, Sant'Anna trata da origem do termo *paráfrase*, que no grego significa continuidade ou repetição de uma sentença. E reforça essa concepção ao citar uma definição oficial de paráfrase: “é a reafirmação, em palavras diferentes, do mesmo sentido de uma obra escrita” (p.17).

O autor não se limita, no entanto, a essa semelhança conteudística das paráfrases: defende a ideia de que há paráfrase quando há uma voz, ou ponto de vista, concordante. Assim, para o autor, é necessário que a paráfrase adote a mesma voz do texto-fonte para configurar-se como tal.

Por isso, Sant'Anna polariza os conceitos funcionais de paródia e paráfrase, estabelecendo, conseqüentemente, o que ele nomeia de eixo parodístico e eixo parafrástico, que têm a estilização como ponto de contato. A paródia seria, por esse viés, a intertextualidade das diferenças e a paráfrase seria a intertextualidade das semelhanças. Para melhor compreensão,

colocamos, no quadro abaixo, as características que constituem essas formas de intertextualidade.

Intertextualidade	
Paráfrase	Paródia
Intertextualidade das Semelhanças	Intertextualidade das Diferenças
Continuidade	Descontinuidade
Efeito de Condensação	Efeito de Deslocamento
Reforço	Deformação
Caráter Ocioso	Caráter Contestador
Estilização Positiva	Estilização Negativa

Quadro 3 – As formas de intertextualidade

Importa compreender, com essa caracterização, que a concepção de paródia e de paráfrase de Sant’Anna, sendo de natureza funcional, não pode corresponder às mesmas noções presentes nos estudos de Genette e de Piègay-Gros, que as definem do ponto de vista estrutural. Por esse motivo, a tentativa de equivalência terminológica entre esses autores poderia gerar conflitos conceituais indesejáveis.

Destacamos aqui também os trabalhos de Koch, Bentes e Cavalcante (2007) que classificam a intertextualidade em *lato sensu* e em *stricto sensu*. A intertextualidade ampla encontra-se em todo e qualquer texto e é, portanto, constitutiva; e a intertextualidade restrita, que será analisada nesta pesquisa, constitui-se sempre na presença de um intertexto.

Vale ressaltar que, ao se tratar de intertextualidade *stricto sensu*, é condição fundamental que o “texto remeta a outros textos previamente produzidos e com os quais estabelece alguma relação” (p. 17).

Devido a essa relação, de acordo com as autoras, a intertextualidade manifesta-se em diversos modos: **intertextualidade temática, estilística, explícita, implícita, intergenérica e tipológica**.

Koch, Bentes e Cavalcante (2007) estabelecem uma aproximação entre os conceitos de captação e subversão, de um lado, e os de paráfrase e paródia, de outro. Destacam que, no primeiro caso, isto é, se há concordância com o ponto de vista, tem-se o caso de **paráfrase**, que Sant’Anna (1985) chama de **intertextualidade das semelhanças** e que Grésillon e Maingueneau (2004) chamam de **captação**. No segundo caso, se há refutação do ponto de vista, ocorre **paródia**, o que é também denominado de **intertextualidade das diferenças**, para Sant’Anna, e de **subversão**, para Grésillon e Maingueneau.

As noções de paráfrase e de paródia nem sempre são concebidas a partir de um critério polifônico, como em Charaudeau e Maingueneau e como em Koch, Bentes e Cavalcante. Em Genette (2010), essa distinção é, antes de tudo, estrutural. Por isso, vemos com ressalva a equivalência entre esses conceitos.

Koch, Bentes e Cavalcante (2007, p.30) ressaltam que “o produtor do texto espera que o leitor/ouvinte seja capaz de reconhecer a presença do intertexto, pela ativação do texto-fonte em sua memória discursiva, visto que, se tal não ocorrer, estará prejudicada a construção do sentido, mais particularmente, é claro, no caso da subversão”.

Embora as autoras considerem que, também no caso de captação, o conhecimento do intertexto seja relevante para a construção de sentido, esta exigência é menor do que no caso da subversão. Essa relação entre intertextualidade e compreensão de textos não pode, no entanto, a nosso ver, ser dada tão aprioristicamente. Acreditamos que a compreensão das paródias e/ou paráfrases seja importante na leitura de um texto literário, por exemplo, que se pressupõe não fazer parte do conhecimento do leitor comum, de maneira que desconhecer o texto-fonte poderia comprometer a compreensão do texto literário. Mas não se pode afirmar que isso aconteça somente com textos literários.

Também é preciso admitir que o fato de alguns leitores não alcançarem as intertextualidades implique, necessariamente, na não compreensão do texto, quer seja literário, quer não. Significa dizer apenas que muitos sentidos não foram alcançados. Dependendo da centralidade tópica das relações intertextuais, isso pode ser mais importante, ou não, para a compreensão global do texto. Em textos que fazem parte da memória social mais comum, como nos gêneros da publicidade, em charges e cartuns, na música, nos provérbios, ditos populares, bordões de programas humorísticos, em notícias veiculadas pela mídia e em outros mais nessa linha, talvez possa haver uma compreensão em grande medida, mesmo que não se entendam bem os sentidos do intertexto.

## **A relação estreita entre intertextualidade e texto verbo visual**

Já ressaltamos que há trabalhos acadêmicos que abordam a intertextualidade fora do campo literário, em especial em textos verbo-visuais. Esses trabalhos vêm demonstrando que a paródia e outras manifestações intertextuais estão presentes em textos de diversos campos do conhecimento, como jornalísticos, publicitários e artísticos.

Dentre esses trabalhos, destacam-se a pesquisa de Romualdo (2000), sobre charge jornalística, intertextualidade e polifonia; e, mais recentemente, os trabalhos de Ramos (2007, 2012) sobre a leitura dos quadrinhos e a tese de doutorado de Mozdzenski sobre videoclipes (2012).

A charge é um texto humorístico que trata de algum fato veiculado pelo noticiário, estabelecendo, assim, uma relação intertextual com a notícia. Romualdo (2000) defende, em seu trabalho, que a intertextualidade é um “elemento constituinte da charge”.

Tanto Romualdo (2000) quanto Ramos (2012) concebem a **charge** como um gênero de discurso cuja linguagem do humor se constrói pela intertextualidade, utilizando a frase feita, a imagem e expressões estereotipadas.

O objetivo principal da pesquisa de Romualdo (2000) não é descrever processos intertextuais, mas apontar a natureza polifônica e dialógica da charge, especialmente da charge política, construindo um "discurso intertextual" compreendido pela sociedade. Vale destacar que a charge se caracteriza por referir-se a fatos cotidianos, isto é, acontecimentos sociais atuais e por referir-se a outros elementos do cinema, da história em quadrinhos, entre outros, contribuindo, dessa forma, para a construção do humor.

Embora os propósitos de Romualdo (2000) não se voltem para as marcas da intertextualidade, mas para os efeitos polifônicos que os intertextos podem provocar, suas constatações são valiosas para ponderarmos sobre a noção de humor. O humor deve ser pensado como tendo não apenas sentido lúdico, mas como tendo também sentido ou função satírica, como Genette (2010) nos deixa supor.

Nossa análise revelou como é sutil a alegada distinção entre o regime lúdico e o regime satírico, por isso questionamos a viabilidade da separação dos fenômenos intertextuais por meio apenas desse parâmetro.

Por ora, admitimos que o humor das charges envolve um contexto de intertextualidade, visto que, por definição, a charge se caracteriza pela relação intertextual que deve manter com fatos noticiados no momento de sua enunciação.

Um discurso nunca é totalmente original, isto é, está sempre ligado a outros discursos que o antecederam. Como assevera Maingueneau (2002, p.39)”: "Um discurso não vem ao mundo numa inocente solitude, mas constrói-se através de um já dito em relação ao qual toma uma posição.”

Com esse reconhecimento da incompletude da linguagem e do vínculo entre discursos, percebemos que a charge é um gênero no qual a intertextualidade é um componente de base; também percebemos que nesse gênero se exigem mais inferências apoiadas no conhecimento compartilhado entre os interlocutores para a construção de sentidos apenas sugeridos.

### **Modos de aludir na construção de paródias e parafraseamentos**

Começamos esta breve análise reforçando que, obrigatoriamente, a intertextualidade derivacional (o hipertexto) nasce de um outro texto anterior (o hipotexto). Reiteramos que o hipotexto dos textos verbo-visuais pode se relacionar ao fato noticiado, ao evento. Para esse fim, utilizaremos os gêneros textuais charges veiculados para demonstrar que esses textos verbo-visuais constroem a intertextualidade a partir da leitura de um fato noticioso.

Observe os exemplos 1 e 2 a seguir:

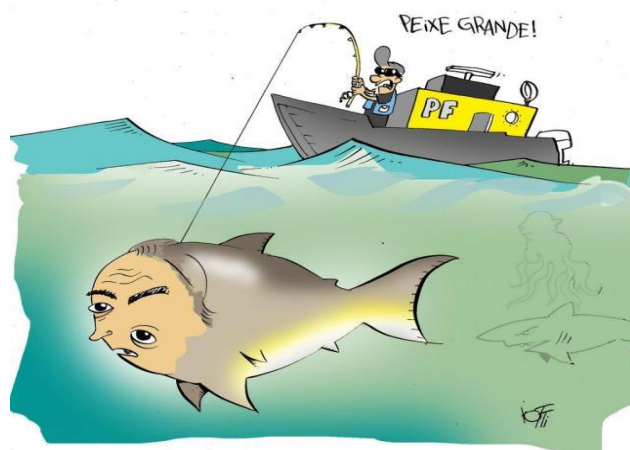
#### Exemplo 1



(disponível em <https://www.google.com.br/search?q=charges+humor0>)

#### Exemplo 2

### Preso, Nestor Cerveró é levado a Curitiba



(disponível em <https://www.google.com.br/search?q=charges+humor0>)

Os exemplos 1 e 2 se referem ao ex-diretor da área internacional da Petrobrás, Nestor Cerveró, envolvido no grande escândalo político chamado pela mídia de Petrolão. A deformidade ocular do ex diretor é utilizada para a construção das paródias nesses exemplos, isto é, a alusão ao problema ocular de Nestor Cerveró é a estratégia para construir as paródias que se originam do fato noticiado (hipotexto). Esse problema ocular faz parte da memória social brasileira.

No exemplo 1, ilustra-se a consequência de desvio de dinheiro por meio de uma explicação econômica: dólar em alta e o real em baixa cotação, fato econômico bastante conhecido pela população brasileira, que vê sempre sua moeda desvalorizada perante a potência americana.

No exemplo 2, o ex diretor da Petrobrás tem agora sua imagem colocada em um grande “peixe que é pescado” pela Polícia Federal, que vem apanhando “peixes grandes” em um grande caso de corrupção e desvio de grande soma de dinheiro.

Nesses exemplos, podemos observar que, do ponto de vista estrutural de Genette, a paródia realiza-se por meio de alusão a um personagem envolvido em mais um escândalo político. Desempenha função lúdica, e também satírica e séria, pois contém uma crítica sobre um fato real em contextos também reais, como a noção básica de cotação de moeda nacional e estrangeira (exemplo 1) e o ato de pescar, desta vez, trocando um peixe graúdo por gente graúda, ou seja, é um diretor e não um simples funcionário de carreira da Petrobrás (exemplo 2).

Se analisarmos, agora, do ponto de vista funcional, de Sant’Anna, podemos dizer que há, também, entre os exemplos, um parafraseamento temático e argumentativo, visto que as

charges reforçam um fato que se tem tornado corriqueiro em nosso país: desvio de dinheiro público.

Os próximos exemplos, 3, 4 e 5, a seguir, reforçam que a alusão é mais uma vez utilizada como estratégia para a construção de paródias e parafraseamentos em termos funcionais.

### Exemplo 3



(disponível em <https://www.google.com.br/search?q=charges+humor0>)

### Exemplo 4



(disponível em <https://www.google.com.br/search?q=charges+humor0>)

### Exemplo 5





(disponível em <https://www.google.com.br/search?q=charges+humor0>)

Os exemplos 3, 4 e 5 têm como cenário a rotina de uma sala de aula em que a professora interage com os alunos por meio de perguntas. Esses exemplos são também paródias construídas a partir de uma alusão ao senso comum do que a população brasileira já disse, em diversos textos, sobre os seus políticos, que sempre encontram formas para desviar dinheiro, lesando a população e sempre se safando impunemente. Ainda que esses exemplos não aludem a textos específicos, protagonizam cenas de sala de aula típicas e facilmente reconhecíveis, que estão sendo subvertidas, isto é, parodiadas, no sentido proposto por Sant'Anna. Em termos estruturais, esses exemplos, que não retomam textos específicos, não seriam considerados paródias, nem seria considerados no âmbito das intertextualidades em sentido estrito.

No exemplo 3, a resposta do aluno aponta que a melhor maneira de ter condições de viajar é ser político, nem mesmo a profissão de piloto oferece tantas chances de viagem, o que já sugere o meio ilícito de ganhar dinheiro de um político brasileiro.

O exemplo 4 alude à falta de ética tão comum em nosso cenário brasileiro, especialmente no Congresso, onde parlamentares, sem possuir qualquer noção ética, busca investigar seus pares suspeitos sobre a falta dela.

O exemplo 5 alude à tão conhecida falta de vontade de trabalhar do político brasileiro para a sociedade, mas com todo tempo para investir esforços em benefício próprio, reforçando sempre a ideia de falta de seriedade dos políticos do Brasil.

Ainda do ponto de vista funcional, estamos defendendo que se considere a relação de captação entre os textos, em relação à temática e à perspectiva argumentativa. Pensamos que os exemplos 3, 4 e 5 guardam entre si uma relação de parafraseamento, visto que todas essas charges aludem à imagem coletiva que os brasileiros têm sobre os políticos que sempre se



esmeram na arte de corrupção e de desvio de dinheiro público. Assim sendo, uma charge remete à outra, reiterando o mesmo posicionamento argumentativo.

### **Considerações finais**

As charges e cartuns, de um modo especial, apelam para o conhecimento compartilhado e para os intertextos (relacionados a fatos da realidade) que estão na memória coletiva. Daí defendermos que, do ponto de vista funcional apenas, nos textos verbo-visuais, especialmente as charges, o hipotexto não é uma única obra, mas é o evento, ou o fato noticiado que faz com que as associações construídas por alusões e/citações construam um texto parodístico ou parafrástico. É por meio dessa percepção que podemos observar os efeitos satíricos e sérios produzidos pelas charges, sem perder também o caráter lúdico, recursos utilizados para denunciar e criticar atitudes ou para enaltecer valores culturais.

O fato é que os gêneros charge e cartum revelam um locutor criativo e crítico que faz uma leitura a respeito de um fato no momento em que ocorre. Além disso, as charges oferecem-nos uma larga visão sobre a amplitude intertextual porque frequentemente estão em sintonia com o comportamento coletivo e mantêm-se atreladas aos acontecimentos diários.

Do ponto de vista estrutural, este trabalho buscou lançar um olhar mais específico acerca da intertextualidade ao destacar as copresenças – alusão e citação – como estratégias fundamentais na construção de paródias e parafraseamentos em textos verbo-visuais - para investigar de que forma as copresenças participavam das derivações.

Estes exemplos indicam que as transformações lúdicas (paródias) e as transformações sérias (por parafraseamentos) não são mutuamente exclusivas, pois um mesmo texto derivado de outro pode apresentar uma elaboração formal fundada em um desvio parodístico, mas também reproduzir, dentro de uma perspectiva funcional, o mesmo conteúdo do texto-fonte para atingir novos propósitos enunciativos.

Este trabalho sugere que, em pesquisas futuras, se cogite a possibilidade de considerar, nas análises intertextuais não apenas a natureza formal das relações, mas também as aproximações e os desvios funcionais.

### **Referências**

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Mikhail Bakhtin [tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl. 2. ed. São Paulo Martins Fontes, 1997.— (Coleção Ensino Superior)

- \_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- CAGNIN, Antônio Luiz. **Os quadrinhos**. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- CAVALCANTE, Mônica M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.
- CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. **Intertextualidade e psicanálise. Calidoscópico**. v. 10, n. 3, 2012, p. 310-320.
- FARIA, Maria da Graça dos Santos. Tese. **Alusão e Citação como estratégias na construção de paródias e paráfrases em textos verbo-visuais**. Fortaleza, 2014.
- GENETTE, Gerard. **Palimpsestes – la littérature au second degré**. Paris: Seuil, [1982]. Tradução para o português. Edições Viva Voz: Belo Horizonte, 2010.
- KOCH, Ingedore G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade – diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2007.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Campinas: Pontes, 1997.
- MOZDZENSKI, Leonardo Pinheiro. Tese. Recife. Título: **O ethos e o pathos em videoclipes femininos: construindo identidades, encenando emoções**, 2012.
- NOBRE, Kennedy Cabral. Tese. **Crítérios classificatórios de processos intertextuais** Fortaleza, 2014.
- PIÈGAY-GROS, Nathalie. Introduction à l'intertextualité. Paris: Dunod, 1996. /tradução de Mônica Magalhães Cavalcante; Mônica Maria Feitosa Braga Gentil; Vicência Maria Freitas Jaguaribe/. **Intersecções**, Ano 3, N. 1, Jundiaí/SP, p. 220-230, 2010.
- RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística. Intertextualidade e polifonia. Um estudo de charges da Folha de São Paulo**. Maringá: Eduem, 2000.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, paráfrase e CIA**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- TYNIA NOV, Iuri. Destruction, parodie. **Change**, n. 2 ([1919]1969).